

Encontro-te de novo em meu caminho!
 És sempre a mesma – fria e indiferente;
 tendo no olhar o mesmo brilho aligente,
 sem um raio de amor ou de carinho.
 Achas-me em teu caminho novamente!
 Sou sempre o mesmo – frágil e mesquinho;
 trazendo n' alma o mesmo desalinho
 e no meu peito o mesmo fogo ardente.
 E nosso olhar se encontra enfim. Anseio
 ofegante de amor e de receio!...
 Impassível (até custa dizê-lo)
 tu me fitas co' a mesma indiferença,
 assassinando minha velha crença
 co' a fria luz de teu olhar de gelo.
 Osman Assunção 1895-1925, Frieza

Contam que um persa (ou árabe) possuía,
 oculta num desvão de selva umbrosa,
 grande, imensa riqueza, fabulosa!
 Ouro em barras, montões de pedraria!...
 Muitas vezes por simples fantasia,
 vinha e, a rezar palavra misteriosa
 à porta de uma gruta silenciosa,
 ela, em rubis e perolas se abria...
 Também o coração, como essa gruta,
 se a voz do amor – o grande mago – escuta,
 rebenta em fogos de cristais dispersos;
 abre-se em rosas de esmeraldas e ouro,
 flore, fulge e transluz, feito em tesouro,
 todo em milhões de Lágrimas e Versos!
 Ottoniel Menezes 1895-, Sésamo!

Eu tenho um Cristo de marfim na sala,
 com tal arte esculpido no marfim,
 tão pálido, tão triste que me fala
 com os olhos, de uma dor que não tem fim:
 – “Homem! a minha angústia não se iguala!
 Eu trago tanto fel dentro de mim!
 Sofri para remir-te e, nem assim,
 mereço o último alívio de uma vala!
 E dei a vida para dar-te vida!
 Tenho o corpo chagado, a alma ferida!...
 A humanidade? eu não pude salvá-la;
 morri por ela! E agora ainda por fim
 crucificam-me em cruzes de marfim,
 entre as quatro paredes de uma sala!... –”
 Atílio Milano 1897-1955, O inseputo

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 04 – 2011 ABRIL
 Assinatura até 31.12.11: 8 selos postais de 1º Porte Nacional
 Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
 Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
 www.haicu.sf.nom.br

púdicas flores derramando graças,
 cristianas alegrías sevillanas.
 Venid, entrad mejor que a las casetas,
 en las íntimas casas sevillanas.
 Las niñas de la casa, – Luz, Rocío –
 van a bailar las cinco sevillanas.
 Ved cómo se entreabren y entrecierran
 tirsos, capullos, ramas sevillanas,
 Gerardo Diego 1896-1987, Sevillanas,
 Versos Escogidos, 1970
 Editorial Gredos, S.A., Madrid

Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros 2ª Edição, 1947
 Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

A quaresmeira ciciz,
 vencida aos caprichos mil
 da brisa que acaricia
 as suas flores de Abril.
 Dorothy Jansson Moretti, 1004
 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
 01501-030 – São Paulo, SP

A democracia é intensa,
 de constante alvorecer,
 quando a voz da sua imprensa
 exerce o quarto poder.
 Eduardo A. O. Toledo, 1103;
 Trovia: alu@mgalink.com.br
 Visite: www.falandometrova.com.br

Sereno da madrugada,
 velas afoitas ao mar...
 na poesia de uma vaga,
 no medo de não voltar...
 Luiz L. Arruda, 1101
 Binóculo
 jbatista@unifor.br

No cemitério, ele pasma
 ao ver à noite a mocinha:
 – Não tem medo de fantasma?
 – Quando eu era viva, eu tinha!
 Renata Paccola, 1102
 O Patusco: Caixa Postal 95
 61600-970 – Caucaia, CE

Na família, pais e filhos
 são vagões de um mesmo trem...
 Quando um deles sai dos trilhos,
 arrasta os outros também.
 Sérgio Bernardo, 1101
 Literarte-SP
 literarte_sp@ig.com.br

Comparo a um pano rasgado
 esse amor ao qual me rendo.
 Quando parece acabado,
 um de nós ... faz um remendo!
 Therezinha Brisola, 1101, Trinos
 do Pitiguari, R.Guanabara 542
 59014-180 – Natal, RN

O choro de uma criança
 à luz do primeiro dia
 é uma canção de esperança,
 é a mais linda melodia!

O carro de bois dolente
 canta e geme em seu labor...
 Assim o peito da gente
 quando faz versos de amor!

Quando a saudade campeia
 e os olhos se fazem mar,
 há milhões de grãos de areia
 nas dunas do recordar.

Ter fibra é sorrir na mágoa,
 opor, ao mal, sempre o Bem:
 no fogo do ódio pôr água
 quando o incêndio nos convém...

Trabalho não intimida
 quem enfrenta os seus rigores.
 E é bom que sejas na vida
 o melhor no que tu fores!

Deus ao homem, cada dia,
 dá a sua preocupação,
 mas há quem perca a alegria
 por males que nem virão.

Maria Thereza Cavalheiro, Trovas para refletir, 2009 – Correspondência: Maria Thereza Cavalheiro, CP 1944 Agência Central. 01059-970 – São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.11, enviar até 3 haicus de quigos: Árvore desnuda, Macaxera, Praia de Inverno.
 Até o dia 30.05.11, enviar até 3 haicus de quigos: Nêspira, Neve, Vaquejada.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
 Rua Des. do Vale 914, Ap 82
 05010-040 - São Paulo, SP
 ou mfmendez@superig.com.br

Em vez de eliminar o trem, por que não substituir só a letra q pela c?



QUIDAI S DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Toco de cigarro...
 Do espantalo resta a cruz,
 da lavoura... nada...
 Darly O. Barros

Quaresmeira em flor
 anunciando vigília –
 período pascoal.
 Edel Costa

Petizada xinga
 cantárida de intocável
 maria-catinga.
 Fernando L. A. Soares

Maria Fumaça,
 Dia do Ferroviário.
 Vibração nos trilhos.
 Fernando Vasconcelos

Maravilhoso dia.
 Noite comprometida
 fina bruma cai.
 Flávio Velasco

O gafanhoto deu
 uma salto tríplice e caiu
 sobre suas asas.
 João Elias dos Santos

Canteiro encharcado
 semana chuvosa, fria,
 maltrata os crisântemos.
 Olga Amorim



HAICUS E M FOLHA

Enfeitando a rosa
 gota de orvalho brilhando
 na manhã de sol. D
 Alba Cristina
 Chão umedecido,
 Sobre as pétalas das rosas
 o orvalho escorrendo. D
 Analice Feitoza de Lima
 Domingo de Ramos.
 E em meio à igreja lotada
 palmas tremulando. G
 Analice Feitoza de Lima
 Vai amanhecendo.
 Os diamantes do orvalho
 enfeitam as plantas. D
 Angelica Villela Santos

Igreja enfeitada
 pelas folhas de palmeira.
 Domingo de Ramos. G
 Argemira F. Marcondes
 A chuva passou,
 um raio de sol dá brilho
 no orvalho da folha. X
 Argemira F. Marcondes
 Banhistas curiosos.
 Rede cheia de sardinhas,
 pescaria boa. G
 Cecy Tupinambá Ulhôa
 De xale no ombro,
 vodó vai à missa.
 Domingo de Ramos. S
 Cecy Tupinambá Ulhôa

Cintila ao sol
 a gota de orvalho.
 Beija-flor esvoaçã... S
 Cecy Tupinambá Ulhôa
 Pousada na flor
 borboleta colorida
 suga o orvalho. A
 Denise Cataldi
 Golfinhos perseguem
 o cardume de sardinhas
 – lauta refeição. G
 Denise Cataldi
 Domingo de Ramos.
 Devotos fazem, na igreja,
 uma procissão. G
 Djaldal Winter Santos

Pescador, contente,
 vê cardume de sardinhas.
 Lança a rede ao mar... G
 Djaldal Winter Santos
 Igreja lotada.
 Fieis fazem orações.
 Domingo de Ramos. G
 Flávio Ferreira da Silva
 Noite fria
 dia claro
 orvalho nas folhas. G
 Iracema Gomes
 Sobre a folha
 antes do amanhecer
 gota de orvalho. G
 Larissa Lacerda Menendez

Prateadas sardinhas
 na barraca da feira
 resplandecem. X
 Larissa Lacerda Menendez
 Da folha
 a gota pinga, vem outra.
 Orvalho. G
 Manoel F. Menendez
 Surge a procissão,
 folhas de palmeiras agitam
 nas mãos dos fieis. S
 Maria App. Picanço Goulart
 Ao raiar do dia
 bimbaltham sinos na aldeia.
 Domingo de Ramos. A
 Neuza Pommer

Festa na vizinha.
 Os convidados disputam
 patê de sardinha. S
 Neuza Pommer
 Manhã de sol,
 descubro brilhos nas folhas.
 Orvalho. X
 Neuza Pommer
 Pescador feliz –
 depois de uma longa espera,
 sardinhas na rede. G
 Renata Paccola
 Guri passa o dedo
 sobre o vidro do automóvel
 e escreve no orvalho. G
 Renata Paccola

Domingo de Ramos –
 fieis agitam os galhos
 na celebração. S
 Renata Paccola
 Sol de Primavera.
 Uma pétala de rosa
 com gotas de orvalho. A
 Roberto Resende Vilela
 À boca da noite,
 pescador recolhe a rede
 cheia de sardinhas. X
 Roberto Resende Vilela
 Repique de sinos.
 Mensagens de amor e paz.
 Domingo de Ramos. X
 Roberto Resende Vilela

O J A R D I N E I R O T I M Ó T E O

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas
 moradias coloniais: – frente com varanda, uma
 ala e pátio interno. Neste ficava o jardim,
 também à moda antiga, cheio de plantas antigas,
 cujas flores punham no ar um saudoso perfume
 d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava
 dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco
 por dentro. Timóteo o plantou quando a fazenda
 se abria e a casa inda cheirava a rebeco fresco e
 tintas d'óleo recentes, e desd'ái – lá se iam
 quarenta anos – ninguém mais teve licença de

Obras-Primas do Conto Moderno, Almiro Rolmes Barbosa/Edgard Cavalheiro, 1944, Livraria Martins Editora – www.estantevirtual.com.br

pôr a mão em “seu jardim”.
 Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que
 sentem a poesia fazer das coisas. Compusera,
 sem o saber, um maravilhoso poema, onde cada
 plantinha era um verso que só ele conhecia,
 verso vivo, risonho ao re florir anual da prima-
 vera, desmedrado e sofredor quando junho
 sibilava no ar os látigos do frio. O jardim
 tornara-se a memória viva da casa. Tudo nele
 correspondia a uma significação familiar de

suave encanto, e assim foi desd' o começo, ao
 riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda
 rescedente à escavação. O canteiro principal
 consagrara-o Timóteo ao “Sinhó velho”, tronco
 da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta
 d'alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu
 feaciro e bonito, cercado de tijolos novos vindos
 do forno para ali inda quentes, e embutidos no
 chão como ruda cingulo de coral; hoje, semides-
 feitos pela usura do tempo e tão tenros que a
 unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos

musgos da velhice.
 – Veludo de muro velho, é como chama
 Timóteo a essa muscinea invasora, filha da
 sombra e da umidade. E é bem isso, porque o
 musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos,
 esfogueados de sol, para estender devagarinho o
 seu veludo prenunciador de tapera sobre os
 muros alquebrados, de emboço já carcomido e
 todo aberto em fendas.
 Bem no centro erguia-se um nodoso pé de
 jasmim do Cabo, de galhos negros e copa domi-

nante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura. Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos da Angola.

– Tenha paciência, minha negra! – conversava ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. – Tenha paciência que aqui ninguém olha de cima para o “Sinhô velho.”

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários.

Cercando o jasmineiro havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais nada.

– Ele era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as armázinhas do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

– Este é o de Sinhazinha; e como ela um dia há de casar, fica a par dele o canteiro do “Sinhô moço.”

O canteiro de Sinhazinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da família e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto que, ao romper da Lei Áurea, nenhum teve ânimo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinhazinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na família, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, símbolo vivo, crônica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira “planta séria” ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nele flores alegres de criança: – esporinhas, bocas-de-leão, “borboletas”, ou flores amáveis da adolescência – amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosótis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.

– Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malgrado botãozinho de carne rósea o jardineiro, em lagrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros roxos, e a sempre-viva foi para o canto onde viçavam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro do “Sinhô moço” revelava intenções simbólicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas de espinhos; palmas de Santa Rita, de folhas laminadas; junquinhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos d’alguma significação. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hóspede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria – tudo memorava ele, com hieroglíficos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa família do Rio – pai, mãe, e três sapequíssimas filhas – lá ficou assinalada por cinco pés de “ora-pro-nobis.” E a venda do pampa calçado, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda dum galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedótica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal doméstico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinhazinha; o sangue-de-Adão do Tibúrcio cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesária sirigaita enredeira, de cara fuchicada

como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Mangonera, a Tetéia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pezinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpétuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo, morto hidrófobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

– Quem há de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Também os gatos tinham memória. Lá estava a cinerária da gata branca, morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembutivo do velho gato Romão.

Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhazinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

– Não sabem, Sinhazinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguém sabe apanhar flô...

Era verdade. Só Timóteo sabia escolher-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de anos da moça, Timóteo combinava os buquês como estrofes vivas. Colhia-as resmungando:

– Perpétua? Não. Você não vai para a mesa hoje. É festa alegre. Nem você dona violetinha!... Roxa-maxixe? Ah! ah! Tinha graça, a Cesária em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciência de mestre. Às vezes parava, a filosofar:

– Ninguém se lembra hoje do anjinho... Pra que, então, goivo nos vasos? Quietinho aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemitério...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguém? Seus louvores, de ninguém suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hóspede, um lembrete à patroa, uma censura ao senhor, composto sob a forma dum ramallete? Ignorantes da língua do jardim riam-se eles da maluquice do Timóteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas – embora a copa e a cozinha se implicassem com aquilo.

– Que tanto resmunga o Timóteo? Fica ali, mampaneando horas a cochichar, a rir, como se estivesse no meio dum criançação...

É que na sua imaginação as flores de transfiguravam em seres vivos. Tinha cara, olhos, ouvidos... O jasmim do Cabo, pois não é que lhe dava a bênção todas as manhãs? Mal Timóteo aparecia, murmurando, “A bênção, Sinhô”, e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: “Deus te abençoe, Timóteo.”

Contar isso aos outros? Nunca! “Está louco!” haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

– E como não há de falar, se tudo é criatura de Deus, hom’essa!...

Também dialogava com elas.

– Contentinha, hein? Boa chuva a de ontem, não?

– ...

Sim, lá isso é verdade. As chuvas miúdas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo ele! E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

– Seu malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. “Vira esterco, diabinho!”

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timóteo a chviscar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

– O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timóteo não estivesse aqui de “chovedor” na mão.

– Chega também, ué! Então quer sozinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a língua de fora?

– E esta boca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma boca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

– E você também, seu resedá, tome lá seu banho pra depois namorar aquela dona hortênsia, moça bonita do “zóio azul!”...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesária.

– Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se flor fosse gente.

Só a moça, com seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

– Está aqui, Sinhá, a primeira rainha-margarida deste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

– Que beleza!

E Timóteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

– Precisamos mudar isto – lembrou o moço, de volta dum passeio a S. Paulo. Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandálias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timóteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se à moça. Ele também conhecia essas flores de fora, vira crisântemos em casa do coronel Barroso, e as tais dalias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espírito Santo.

– Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de família. Aquela dália rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita cor de rosa por uma semostrateira da cidade, de muita seda no corpo mas sem fé no coração? De manhã “fica assim” de abelhas e cuítelos em roda dela!... E eles sabem, eles conhecem quem merece! Se as das cidades fossem de mais estimação por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão pra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa idéia da cabeça de Sinhô moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timóteo tomado de aversão pela família dos “ora-pro-nobis! Presentimento puro... O “ora-pro-nobis” pai voltou, e esteve ali uma semana em conciliábulo com o moço. Ao fim desse tempo, explodiu como bomba a grande notícia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timóteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituía a alma do velho patrimônio.

– Adeus, Timóteo! disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.

– Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timóteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

– Branco não tem coração...

Os novos proprietários eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa franzindo o nariz a tudo.

– Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobília de cabiuna, adotaram móveis pechisbeques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um hall, mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas:

– É incrível! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Sousa, em pleno século das crisandálias!

E correram-no todo, a rir, como perfeitos malucos.

– Olha, Ivete, esporinhas! É inconcebível que inda haja esporinhas no mundo!

– É periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timóteo ouvia aquilo com mil mortes n’alma. Não restava dúvida, era o fim de tudo, como presentira: aqueles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo de acordo com a arte moderníssima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as últimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquele macaco a me arrasar isto – disse o homem, apontando para Timóteo.

– Ó tição, vem cá!

Timóteo aproximou-se, com ar apatado.

– Olha, fica encarregado de limpar este mata e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasas-me isto, bem arrasadinho, entendes?

Timóteo, trêmulo, mal pode engolar uma palavra:

– Eu?..!

– Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

– Eu? Eu, arrasas o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

– Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu num assomo estupendo de cólera – o primeiro e o único de sua vida.

– Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira com um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto há de virar uma tapera de lacraias! A geada há de torrar o café. A peste há de levar as vacas de leite! Não há de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a família amaldiçoada, coberta de lepra, há de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixe estar, gente amaldiçoada! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa, que lá na cidade ninguém sabe o que é. Deixa estar, branco de má casta! Deixa estar, caninana! Deixa estar!...

E fazendo o gesto fatídico, com a mão espalmada, saiu às arrecuas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

– Deixa estar! Deixa Estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

– Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiungos andavam a espaçar silenciosos voos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coaxavam nos brejos e os vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.

Só não ressurgir Timóteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará amanhã, enrijecido pelo relento, de borco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

– Deixa estar!...

Eis meu pobre pensamento quando o desgosto me apegar: – felicidade é um momento que o tempo logo carrega.

Mesmo havendo muita gente animando meu caminho, não estando ele presente me sinto triste e sozinho.

É quando fico sozinho, pensando bastante em Deus, que eu consigo, um bocadinho, corrigir defeitos meus.

Quando me sinto sozinho me torno carente e clamo, com ardor, um lugarzinho no coração de quem amo.

Tenho toda liberdade de te chamar de filhinha porque tens, meu bem, a idade de ser mesmo filha minha.

Eu não tenho religião, nem Deus eu vivo adorando, mas em qualquer aflição Ele acaba me ajudando.